

# Funaro: saída para dívida é negociar

*No Senado, o ministro explicou o Cruzado II, descartou a moratória e se envolveu em um "bate-boca" com Roberto Campos*

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O caminho para a solução do problema da dívida externa brasileira é a negociação e não a imposição de uma moratória unilateral. Esta foi a principal mensagem que o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, transmitiu ontem ao Senado Federal, durante sessão especial, onde explicou as medidas do Plano Cruzado II.

Durante a sua exposição, de 50 minutos, e nos debates de uma hora e meia, quando o senador Carlos Alberto (PTB-RN) perguntou se atenderia o desejo de moratória do PMDB, Funaro deixou claro que a saída é a negociação. "A moratória é apenas a última etapa de um processo de estrangulamento e que o Brasil não está vivendo agora. Temos reservas de US\$ 5 bilhões absolutamente líquidas", afirmou o ministro.

Funaro ressaltou que a negociação da dívida com desenvolvimento da economia "é a posição do governo do presidente Sarney". E foi mais além, revelando que teve uma reunião, no último domingo, com o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, onde chegou-se à conclusão de que o partido vai aprofundar o debate sobre a dívida externa, "mas que não tem a posição da moratória". Até ontem, a reunião com Ulysses estava sendo mantida sob sigilo.

A exposição de Funaro não empolgou e nem desagradou por inteiro os cerca de 40 senadores presentes ao plenário, ao contrário do último dia 5 de março, quando foi aplaudido de pé por mais de 250 deputados.

O debate tornou-se mais efervescente quando o senador Roberto Campos (PDS-MT) fez duras críticas contra a condução da política e os "quatro pacotes que o ministro Funaro nos fez engolir durante sua gestão no Ministério da Fazenda" (sic).

## EXPOSIÇÃO

Em sua exposição, Funaro explicou aos senadores que o País tentará resolver a questão da dívida externa

através da negociação, mas não se submetendo a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), a não ser o que está previsto no artigo 4º dos estatutos da instituição (visitas anuais de rotina sem monitoramento). Disse que mais que estabelecer esquemas de pagamento do principal e dos juros da dívida, "o País quer normalizar os fluxos, remetendo e recebendo recursos".

O ministro mostrou-se otimista em relação às negociações e a um parecer favorável do FMI no seu relatório anual, a ser divulgado breve-

Sobre o novo índice de apuração da inflação (Índice de Preços ao Consumidor restrito), o ministro voltou a utilizar o argumento de que o governo aumentou a desindexação da economia com o Cruzado, criando um índice de inflação mais justo, apenas para reajustes dos salários.

## DEBATES

Apenas cinco senadores, de 17 inscritos, conseguiram formular questões ao ministro da Fazenda. Roberto Campos dirigiu nove perguntas e foi o único a utilizar o direi-



Alencar Monteiro

## O ministro falou 50 minutos e não empolgou os senadores

mente. Com base neste relatório, Funaro disse aos senadores que o Brasil retomará as negociações com os bancos credores e os países que integram o Clube de Paris.

Em relação às medidas do Plano Cruzado II, Funaro observou que o governo seguiu o caminho mais justo para tentar desaquecer a demanda, "taxar os gastos e não a renda". Resaltou o caráter temporário de algumas medidas, como a elevação da alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre os automóveis, e afirmou que o Cruzado II "é muito pouco se comparado aos ajustes do passado, que geraram recessão e desemprego".

to de réplica. Criticou a desorganização da economia provocada pelo Plano Cruzado e seus ajustes. Destacou a crise cambial, a insegurança dos investidores e poupadores internos e externos em relação à alteração dos índices de inflação e o congelamento artificial de preços, a expansão da base monetária, e a falta de decisão do governo para desestatizar a economia.

O senador Campos chegou a duvidar da informação de Funaro, dando conta de que as reservas cambiais estão em torno de US\$ 5 bilhões ("Estamos vivendo num país de Pinóquios", afirmou). "É a minha palavra

contra a sua", respondeu Funaro. Mas o debate esquentou mesmo quando o senador, falando sobre sua gestão como ministro do Planejamento do governo Castelo Branco, disse que havia dobrado a taxa de crescimento econômico. Funaro retrucou, observando que Campos havia trilhado um caminho diferente, gerando desemprego. Mas antes de terminar a frase, Campos interrompeu lembrando que havia "dobrado o crescimento". Respondeu Funaro: "À custa de 120 mil desempregados em seis meses". Após o debate, Campos afirmou que o ministro "perdeu também a credibilidade interna" e que seu depoimento não apresentar nada de novo.

## JUROS

— Os senadores Cid Sampaio (PFL-PE) e Jamil Haddad (PSB-RJ), entre outras questões, ressaltaram suas preocupações em relação às altas taxas de juros. Funaro respondeu que o processo é passageiro e está ligado à indefinição do mercado financeiro em relação a que índice de inflação utilizar. "Temos oito índices na praça atualmente", afirmou o ministro.

Funaro previu que esta indefinição será passageira. Durará apenas este mês, período em que o mercado absorverá as medidas do Plano Cruzado II. O ministro observou que as taxas de juros estão altas setorialmente. "Apenas para os CDBs. Os juros para a agricultura e descontos de duplicatas estão baixos e sob controle."

O quinto e último senador a interpelar Funaro foi Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). Cardoso, antes de pedir para Funaro explicar melhor o caráter de redução de demanda do pacote econômico, dirigiu-se a Campos, pedindo que este aproveitasse o direito de réplica em todas as oportunidades em que ministros comparecessem ao Senado, "porque no passado não existia este direito".